

ELEMENTOS SOBRE A TEORIA DO TEMPO DE AGOSTINHO DE HIPONA

Marcos Vinicius Madruga Vaz¹

Inegavelmente, é intrigante e enigmática toda espécie de especulação e discussão crítica que enfrente o problema filosófico acerca do tempo. Ainda que exista quem acredite que tal questão, do ponto de vista racional, seja insolúvel; verdadeira é a afirmação de que repetidas vezes ao longo da história da filosofia a especulação sobre a questão do tempo² é rerepresentada nos certames da filosofia. Sabe-se que os gregos da antiguidade, desde Homero³ a Aristóteles⁴, principalmente os pensadores que filosofaram no período Helenístico, especularam diferentes noções sobre o tempo. Porém, com o

¹ Endereço Eletrônico: marcosvaz.ufpel.filosofia@gmail.com

² Ainda que a pergunta sobre o tempo tenha sido intrinsecamente correlacionada com a questão da eternidade durante o fecundo período medieval (a grande maioria dos filósofos e teólogos medievais, principalmente entre os anos de 1240 e 1340, detiveram-se e apresentaram variadas respostas a estas questões); porém, segundo o professor Fernando Eduardo de Barros Rey Puente, no âmbito da reflexão filosófica, “o conceito de tempo, *Khrónos*, paulatinamente diferenciado dos conceitos de eternidade (*aión*) e instante (*nyn*), é pensado fundamentalmente em relação ao movimento (*kínesis*)”; embora no início do pensamento filosófico isto ocorra apenas de modo implícito (PUENTE, *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, p. 31).

³ Homero (possivelmente, 928 a.C - 898 a.C) foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*. A palavra *aión*, por exemplo, que significa em Homero e Hesíodo “uma duração vital” recebe, nesse momento para alguns desses pensadores aurorais, o sentido mais radical de uma ausência mesma do tempo, logo, daquilo que nós entenderemos posteriormente como sendo a eternidade. (PUENTE, *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, p. 31).

⁴ Aristóteles, o estagirita (384 a.C. - 322 a.C.) foi o mais formidável e fecundo filósofo de toda a Grécia antiga; aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Ao lado de Platão e Sócrates, Aristóteles é reconhecido como um dos fundadores da filosofia ocidental. A filosofia de Aristóteles dominou verdadeiramente o pensamento europeu a partir do século XII.

devido destaque, atribui-se a Aristóteles a primeira resposta de natureza metódica ao tema. O problema fora apresentado em seus tratados da *Física*.

Segundo o professor e pesquisador Rey Puente⁵, Aristóteles investigou a essência do tempo e do instante especialmente do capítulo dez ao catorze do quarto livro da *Física*; obra da qual se dedicou ao estudo dos entes naturais, ou seja, dos entes que possuem em si mesmos o princípio de seu movimento e repouso⁶. Aristóteles relacionou entre si, o tempo e o movimento⁷, ao compreender que assim como não se pode colocar a existência de um primeiro movimento, também não se pode dizer que houve um primeiro tempo. Por dedução, pode-se asseverar que para o estagirita não é possível “perguntar por um último movimento e por um último tempo”⁸. Comumente, acredita-se que esta síntese era a melhor definição⁹ sobre o conceito de tempo formulado pelos filósofos da antiguidade.

Porém, um específico capítulo de uma das obras mais conhecidas na história do pensamento ocidental desde a antiguidade tardia alterou

⁵ Fernando Eduardo de Barros Rey Puente, possui graduação em Psicologia; graduação e Mestrado em Filosofia, História da Arte e Etnologia; Doutorado em Filosofia (Título: “Os sentidos do tempo em Aristóteles”). Atualmente é professor associado da UFMG. É autor da obra “Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga”, publicado em 2010 pela Annablume Editora.

⁶ (PUENTE, *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, p. 38).

⁷ Iniciada por Parmênides, em Platão e Aristóteles parece se completar a cisão entre o tempo e a eternidade (PUENTE, *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, p. 31).

⁸ Síntese extraída da apresentação do frade, escritor, historiador e editor brasileiro, o gaúcho Rovílio Costa (1934-2009), em sua apresentação à obra “Tempo e Eternidade na Idade Média” – Porto Alegre: EST Edições, 2007.

⁹ Segundo Rey Puente, o tempo no Estagirita deve ser sempre pensado em relação ao agora, pois sem o agora não haveria tempo (*Phys.* IV 11, 219b33-220a1). O tempo, contudo, não deve ser concebido como se fosse constituído de *agoras*; esses não são partes do tempo, mas apenas os limites do mesmo. De modo que são necessários ao menos dois *agoras* (*Phys.* IV 11, 220a14-16), identificados por uma alma capaz de numerá-los um como o anterior e o outro como o posterior, a fim de delimitar um intervalo de tempo. E será precisamente por meio desse intervalo, assumido como uma unidade que a alma humana poderá então qualificar o deslocamento cinético de um corpo móvel qualquer (PUENTE, *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, p. 38). Ao final da *Física* (no livro VIII) e na *Metafísica* (no livro A), Aristóteles defende, de acordo com o pesquisador Rey Puente, para fundamentar o movimento, a existência de um “Movente Imóvel” que, entretanto – ao contrário do Demiurgo platônico apresentado no *Timeu* – permanece completamente imaculado por qualquer tipo de movimento, dado que ele não parece atuar como causa eficiente do mundo, mas precipuamente como causa final, e isso em virtude de sua própria existência (PUENTE, *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, p. 39).

radicalmente a forma como a questão do tempo pode ser filosoficamente investigada. As Confissões¹⁰ de Santo Agostinho¹¹, obra esta de caráter iminentemente autobiográfico, escrita em latim entre os anos de 397 d.C. - 401 d.C., apresenta em seu décimo primeiro livro uma pura especulação filosófica sobre o tempo. De acordo com o Dr. Bertrand Russell¹², Santo Agostinho pouco se ocupou de filosofia pura, mas, quando o fez, revelou grande habilidade¹³.

A melhor obra puramente filosófica dos escritos de Santo Agostinho é o livro décimo primeiro das Confissões (...) As edições populares das Confissões terminam no Livro X sob alegação de que o que se segue é desinteressante; é desinteressante porque é boa filosofia, e não biografia (...) é, sem dúvida, uma teoria muito hábil, que merece ser seriamente considerada. Eu iria além, e diria que é um grande progresso diante de tudo o que se encontra sobre o assunto na filosofia grega. Contém uma exposição melhor e mais clara do que a de Kant acerca da teoria subjetiva do tempo – uma teoria que, desde Kant, tem sido amplamente aceita entre os filósofos¹⁴.

Agostinho declara que falamos do tempo e mais do tempo, dos tempos e ainda dos tempos. Andamos constantemente com o "tempo" na boca: "Por quanto *tempo* falou este homem?", "Quanto *tempo* demorou a fazer isto?", "Há quanto *tempo* não vejo aquilo?", "Esta sílaba tem o dobro de tempo daquela sílaba breve." Diz que cotidianamente dizemos e ouvimos semelhantes expressões, assim como os outros compreendem-nos e nós compreendemos. O tempo na visão de Agostinho é algo tanto auto evidente, ordinário,

¹⁰ Em latim, CONFESSIIONUM LIBRI XIII. S. Aurelii Augustini; OPERA OMNIA - editio latina, PL 32.

¹¹ *Aurelius Augustinus Hipponensis* (13 de novembro 354 - 28 de Agosto de 430), também conhecido como Santo Agostinho foi um dos principais teólogos cristãos e filósofo da tradição neoplatônica. Seus escritos influenciaram tanto o desenvolvimento do cristianismo como a filosofia ocidental. Agostinho foi bispo de *Hippo Regius* (atual Annaba, Argélia), localizada na Numídia (província romana no norte da África). O Santo de Hipona é reconhecido como um dos mais importantes Padres da Igreja tanto no Ocidental como no Oriente.

¹² Bertrand Arthur William Russell, (1872 - 1970) foi um filósofo britânico; lógico, matemático, historiador, escritor, crítico social, ativista político e Prêmio Nobel.

¹³ (RUSSELL, *História da Filosofia Ocidental*, vol. ii., p. 54).

¹⁴ (RUSSELL, *História da Filosofia Ocidental*, vol. ii., p. 54-56).

comum; como ao mesmo tempo bastante obscuro e enigmático. Reclama no Livro XI, que pela complexidade do que envolve a especulação sobre o tempo, faz-se necessário elaborar uma nova análise sobre o tema¹⁵.

E ao se esquadriñar os temas propostos por Agostinho nos trinta e um capítulos do Livro XI, é plenamente aceitável a defesa de que se nos nove primeiros capítulos existe uma declaração confessional¹⁶ das suas próprias culpas e erros, confessando como foi desregrada a sua vida antes de ser encontrado pela graça do Salvador no jardim de Milão; é também verdadeira a afirmação de que a partir do décimo capítulo Agostinho muda radicalmente a perspectiva confessional¹⁷ passando a proferir declarações sobre questões concernentes à eternidade, a criação e a sua teoria do tempo. Para se compreender o sistema dialógico acerca da teoria do tempo no Bispo de Hipona, é fundamental que se tenha entendimento primariamente sobre o conceito de eternidade empregado como pano de fundo para fundamentar a sua especulação filosófica. E por que o Hiponense estrutura a sua teoria do tempo a partir do conceito de eternidade?

A pedra de esquina para a construção de sua teoria sobre o tempo está alicerçada na verdade indubitável de que Deus, Criador do céu e da terra, perscruta absolutamente todos os seres de forma particular. Absolutamente nada lhe escapa a visão; até mesmo a mais ínfima partícula lhe é patente. E tal realização somente é possível em razão de Sua natureza eterna. Para o Hiponense, existe uma radical aceitação dos pressupostos assumidos pela cosmogonia manifesta na Revelação. Não havendo em Deus, possibilidade alguma de existir qualquer espécie de desconhecimento quanto ao que se passa no tempo.

¹⁵ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxii, 28).

¹⁶ Fortemente marcado por uma belíssima doxologia.

¹⁷ Agostinho ainda declarou o presente estado de sua vida como um homem santo e dedicado ao sacerdócio.

A especulação filosófico-teológica de Agostinho sobre o tempo expressa relação em vários cenários¹⁸ possíveis e inúmeros desdobramentos; é rigorosamente multifacetada¹⁹. A sua gênese está intrinsecamente relacionada com a compreensão que o Hiponense tem sobre o tema da eternidade em Deus e a obra de Sua criação. Qualquer caminho que se possa tomar para investigar a teoria do tempo deste autor deve obrigatoriamente ter em pauta a intrínseca relação que há entre estas duas doutrinas extraídas da Revelação. Para pensar a essência e a natureza do tempo em Agostinho, e se chegar à resposta da questão “sobre o que é o tempo?”, é preponderante dar continuidade a especulação somente após se compreender a força intelectual que exerce sobre o seu pensamento a crença em um Deus que é Eterno e Criador.

Todas estas criaturas Vos louvam como a Criador de tudo. Mas de que modo as fazeis? Como fizestes²⁰, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, donde viria essa matéria que Vós não criáveis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência? Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós os criastes pela vossa Palavra!²¹

Sendo, portanto o Verbo²², coeterno com Deus, o meio fundamental para demonstrar-se a maneira pelo qual todas as coisas foram criadas; no tempo, e inclusive o próprio tempo. Agostinho justifica sua compreensão por

¹⁸ Por exemplo, pelo viés filosófico, teológico, psicológico, astronômico, etc.

¹⁹ Existe uma grande discussão entre os estudiosos quanto ao real interesse e objetivo de Agostinho ao escrever o capítulo XI das *Confessionum*.

²⁰ Antes, no mesmo parágrafo, Agostinho questiona: “De que modo, porém, criastes o céu e a terra, e qual foi a máquina de que Vos servistes para esta obra tão imensa?” (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, v, 7).

²¹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, v, 7).

²² Questionando-se como seria possível que o céu, a terra e todas as suas criaturas fossem criados pela exclusiva vontade de Deus, Agostinho tendo como fundamento a Revelação, assevera que é necessário concluir que o próprio Deus assim criou todas as coisas tão somente pelo proferir de sua Palavra (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, v, 7).

inferir que a voz que ecoou no silêncio²³, somente o fez em razão do Seu poder; poder este de declarar, de uma única vez, por toda a eternidade. Pois tudo no Verbo é pronunciado eternamente, assevera o Hiponense. A este estado de simultaneidade na eternidade, o Santo de Hipona afirma que absolutamente tudo o que é pronunciado pelo Verbo não é dito de outra forma e nem há a necessidade de dar lugar à outra voz; pois pela natureza da eternidade não há espaço para o tempo e para a mudança²⁴.

“Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente²⁵”. O tempo é um vestígio de eternidade²⁶. Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo²⁷.

Essa compreensão sobre eternidade proporcionou ao autor sintetizar a noção de que Deus criou todos os tempos possíveis justamente por existir antes de tais tempos²⁸. O Santo de Hipona infere pelos versos iniciais do Livro de Gênesis que como Deus é anterior a todos os tempos, não é no tempo que o Criador de todos os séculos os precede. E o tempo no princípio somente pode ser considerado a partir da efetiva criação do céu e da terra; justificando que não há sentido algum em se questionar ‘o que Deus fazia antes da criação’, por não existir a possibilidade de um “então”²⁹.

A consequência dialógica desta construção é que Deus, por sua natureza eterna, está ininterruptamente presente. E esta eternidade por não ter princípio e nem fim é simultaneamente constante. A imutabilidade, inalteração e a convicção da invariabilidade da eternidade em Deus, proporciona a base para a defesa de um eterno “hoje”. Esse incessante e contínuo ‘eterno hoje’,

²³ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, vi, 8).

²⁴ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, vii, 9).

²⁵ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xi, 13).

²⁶ (AGOSTINHO, *De Genesi, lib. imperf.*, XIII, 38)

²⁷ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiii, 16).

²⁸ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiii, 16).

²⁹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiii, 15).

estabelece que Deus preceda não somente o passado, como domina o que haverá de vir a existir no futuro. Esse ‘eterno hoje’ determina que na eternidade não existam anos que vem ou anos que vão. Em Deus, os anos podem ser considerados como reflexos do tempo que estão conjuntamente parados, estáveis; razão esta de que como estão fixos, não há movimento algum que possa expulsar os anos pelos novos anos que chegam, pois os primeiros nunca passam³⁰.

Os vossos anos são como um só dia, e o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpétuo "hoje", porque este vosso "hoje" não se afasta do "amanhã", nem sucede ao "ontem". O vosso "hoje" é a eternidade. Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo³¹.

Assim, a cosmogonia bíblica para Agostinho, revela-se fundamentalmente no primeiro capítulo do livro de Moisés, chamado Gênesis³². E o axioma empregado pelo Santo de Hipona segue diametralmente todos os pressupostos relacionados à sentença: “No princípio, criou Deus os céu e a terra³³.” E essa Palavra, cuja voz ecoou pela silenciosa eternidade³⁴, realizou sucessivos acontecimentos em determinada ordem primária segundo a Sua soberana vontade. E a esta noção de sucessão, pode-se deduzir que as séries de acontecimentos submetidos à ordem do Verbo produziram como efeito o movimento no tempo.

³⁰ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiii, 16).

³¹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiii, 16).

³² Essencialmente, o livro de Gênesis demonstra como este sistema de mundo era “no princípio”. A tradição consensualmente atribui ao profeta Moisés a narrativa da criação, do primeiro relacionamento de Deus com o ser humano e sobre as promessas de Deus a Abraão e seus descendentes.

³³ Gênesis 1,1.

³⁴ Santo Agostinho caracteriza o signo do “simultâneo” com o que é eterno; e “mudança” com o que é temporal. Exclusivamente Deus tem o poder de “dizer” e “criar” tudo o que sua soberana vontade assim quer, pois é o único que pela palavra pode realizar simultaneamente, desde toda a eternidade, tudo o que lhe apraz no tempo e na eternidade (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, vii, 9).

A inteligência comparou *essas palavras*, proferidas no tempo, com o vosso *Verbo*, gerado no eterno silêncio, e disse: "Sim, a diferença é grande, muito grande! *Estas palavras* estão muito abaixo de mim. Nem sequer existem, porque fogem e passam". "Porém o *Verbo* de Deus permanece sobre mim eternamente^{35?}".

A partir deste pano de fundo, é possível pensar que existem duas maneiras viáveis de apresentar e responder a problemática sobre o tempo em Agostinho. A primeira via, de forma positiva, permite extrair elementos do próprio Livro XI das *Confessionum* para qualificar o tempo com afirmações sobre o que é; sua essência, sua natureza. A segunda maneira, pela via negativa, permite justamente propor o que de forma alguma o tempo é no contexto de tal Livro.

Primeiramente formulada para justapor-se a compreensão de infinitude e estabilidade, encontrada especificamente no valor de eterno que existe em Deus, Agostinho almeja elencar especulações sobre o que se pode afirmar sobre o tempo. Nota-se, ao examinar atentamente o texto, que a essência do tempo para o Santo de Hipona é fundamentalmente de ordem mental, psicológica; totalmente relacionada com a alma. Torna-se necessário afirmar que tudo acontece nesta esfera intangível da pessoa concebida *imago Dei*³⁶.

Esta aproximação feita por Agostinho, entre o que Criador e a obra prima de Sua criação, pode ser qualificada a sua natureza sob o signo da temporalidade; do tempo em sua relação com o que é corruptível, provisório e

³⁵ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, vi, 8).

³⁶ De acordo com o Dr. Mark Ross, deão e professor associado de teologia sistemática no Erskine Theological Seminary (Carolina do Sul/EUA), por mais surpreendente que seja, o homem é criado conforme a "espécie" de Deus, criado à imagem de Deus (*imago Dei*). O homem, assim como Deus, é um ser pessoal. O próprio Deus, segundo a Bíblia revela mais tarde, é três pessoas que compartilham uma única essência divina. As pessoas humanas são seres criados e, nesse sentido (como em outros), são semelhantes e compartilham características com os outros seres criados. Mas o que é mais importante sobre a pessoa humana é a sua semelhança com Deus. Essa semelhança é tão especial que os diferencia de todas as outras criaturas que Deus fez. O homem não é feito conforme as suas espécies, ele é feito conforme a "espécie" de Deus. Em outras palavras, o homem é criado à imagem e semelhança de Deus.

sujeito a sucessão. É uma espécie de sobreposição contingente³⁷ para que a estrutura conceitual da sua teoria seja sólida o suficiente com vistas a dar suporte aos desdobramentos do tema. E, justamente essa primeira noção sobre o tempo, identificada primordialmente com os conceitos de finitude e transitoriedade, pressupõe uma espécie de movimento³⁸.

Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazíeis então? Não podia haver "então" onde não havia tempo. Não é no tempo que Vós precedeis o tempo, pois, doutro modo, não seríeis anterior a todos os tempos³⁹.

Quando se pensa aquilo que faz com que uma coisa seja o que é, aquilo que realmente constitui a sua essência distintivamente de tudo mais, pode ser compreendido o motivo pelo qual o Hiponense demonstra em sua especulação que a natureza do tempo é uma espécie de duração, nomeando-a de breve ou longa; definida pela maneira como é composta os seus movimentos; considerando as suas passagens para qualificá-la⁴⁰.

Para depurar ainda mais o que pensa Agostinho sobre a essência e a natureza do tempo, deve-se ainda averiguar as duas indagações elencadas pelo Hiponense no capítulo quatorze, parágrafo dezessete: "*Quid est enim tempus?*" (Que é, pois, o tempo?) e "*Quid est ergo tempus?*" (O que é, por conseguinte, o tempo?). E esta dupla averiguação deveras não é sem sentido. A primeira proposição almeja tratar sobre a essência ontológica do tempo; a segunda, é possível especular, busca dar conta da natureza do tempo dentro do complexo construto existencial da pessoa perante o seu Criador. É uma questão que exige consequência. A primeira questão já sofreu um conciso exame; importa colocar em foco a segunda pergunta.

³⁷ Que não é necessário ou essencial, mas depende das circunstâncias.

³⁸ Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xi, 13).

³⁹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiii, 15).

⁴⁰ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xi, 13).

Quid est ergo tempus? (O que é, por conseguinte, o tempo?) Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente⁴¹.

Em um hábil jogo de palavras na resposta à segunda questão – “Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”, Agostinho propõe com grande meticulosidade dialética que ainda que se possa aceitar a noção de que existem dois tipos de tempo, não se deve considerar que apenas exista o passado como tempo ‘longo’ e o futuro como tempo ‘breve’. O Hiponense aprofunda a questão inquirindo a partir do modo como ambos existem de acordo com a necessidade de terem de passar; pontuando-as sob uma espécie de ser e não-ser.

De que modos existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?⁴².

Essa concepção inicial de tempo, com estreita relação com a filosofia de Parmênides, e que por intermédio de Platão e o neoplatonismo chegou a Santo Agostinho, evoca a ideia de que na verdade o tempo é todo inteiro; sendo inconcebível pensar o tempo como não-ser. Pois o tempo para o Hiponense de fato existe; ainda que de forma mental, psicológica. E este tempo ‘inteiro’, ainda que em movimento, não possui partes e nem mesmo há nele separação. Sendo por consequência respondida a questão “*Quid est ergo*

⁴¹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiv, 17).

⁴² (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xiv, 17).

tempus?” (O que é, por conseguinte, o tempo?), a partir de uma noção de unidade e indivisibilidade.

E o que o tempo não é? Nos capítulos vinte e três e vinte e quatro do livro décimo primeiro, Agostinho responde pela via negativa a questão sobre ‘o que o tempo não é’. No parágrafo vinte e nove do capítulo vinte e três, o Hiponense afirma que o tempo não é como afirmava Eratóstenes⁴³, o movimento do sol; considera que nem mesmo poderia ser o movimento da lua e dos astros. E por que não? Agostinho justifica sua afirmação ao considerar que se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, não haveria ausência de tempo para medirem-se as suas voltas⁴⁴.

Non poteríamos dizer que estas se realizavam em espaços iguais, ou, se a roda umas vezes se movesse mais devagar, outras depressa, não poderíamos afirmar que umas voltas demoravam mais, outras menos? Ou, ao dizermos isto, não falamos nós no tempo, e não há nas nossas palavras sílabas longas e sílabas breves, assim chamadas, porque umas ressoam durante mais tempo e outras durante menos tempo? Fazei, meu Deus, com que os homens conheçam por meio deste simples exemplo as noções comuns das coisas grandes e pequenas⁴⁵.

E no mesmo livro, capítulo vinte e quatro, parágrafo trinta e um, o Hiponense defende a concepção de que nem mesmo o movimento dos corpos pode ser confundido com o próprio tempo. Agostinho diz que já ouviu que os corpos somente podem mover-se no tempo. Porém, assevera que nunca ouviu dizer que o tempo é esse movimento dos corpos. Entende ainda que há uma grande diferença entre o movimento do corpo e a medida da duração do

⁴³ Eratóstenes de Cirene (276 a.C. - 194 a.C.) foi um matemático, gramático, poeta, geógrafo, bibliotecário e astrônomo da Grécia Antiga; conhecido por calcular a circunferência da Terra. Os seus contemporâneos chamavam-no de "Beta" porque o consideravam o segundo melhor do mundo em vários aspectos. Afirma que o "O tempo é o curso do Sol". Em Platão há uma teoria similar no livro *Timeu*.

⁴⁴ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxiii, 29).

⁴⁵ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxiii, 29).

movimento. Questiona: “Quem não vê qual destas duas coisas se devem chamar de tempo?”.

Num corpo que umas vezes se move com diferente velocidade e outras vezes está parado, medimos não somente o seu movimento mas também o tempo que está parado. Dizemos: "Esteve tanto tempo parado como a andar", ou "esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento", e assim por diante. Ainda no cálculo exato ou aproximativo, costuma dizer-se "mais" e "menos". Portanto, o tempo não é o movimento dos corpos⁴⁶.

Contudo, existe uma parte específica da teoria do tempo em Agostinho, projetada no decurso da história da filosofia ocidental por intermédio de diversos pensadores, que trata sobre as “três divisões do tempo”. Anteriormente fora apresentada uma concepção inicial de tempo em torno de que o passado ‘já não existe’ e que o futuro ‘não existe’; ou seja, uma espécie de não-ser⁴⁷. Porém nesta etapa da sua reflexão, Agostinho percebe a carência de uma nova terminologia que seja empregada a fim de corrigir equívocos conceituais. O Hiponense entende que é um erro dizer, como exemplo, que “o tempo passado foi longo”; pois deveria ser necessário que fosse possível ser encontrado aquilo a que tivesse podido ser longo. Mas visto como isso não é possível, pois a coisa em si já não existe desde o instante em que passou, deve-se então formular o tempo entre o pretérito e o futuro sob uma nova estrutura.

Contudo, dizemos tempo *longo* ou *breve*, e isto, só o podemos afirmar do futuro ou do passado. Chamamos "longo" ao tempo passado, se é anterior ao presente, por exemplo, cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é "longo", se é posterior ao presente também cem anos. Chamamos "breve" ao passado, se dizemos, por exemplo, "há dez dias"; e ao futuro, se dizemos "daqui a dez dias". Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado *já não existe* e o futuro *ainda não existe*. Não digamos:

⁴⁶ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxiv, 31).

⁴⁷ De acordo com Agostinho, não se deve dizer sobre o passado: "é longo"; mas sim, "foi longo". E sobre o futuro: "será longo" (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xv, 18).

"é longo"; mas digamos do passado: "foi longo"; e do futuro: "será longo". Não digamos pois: "o tempo passado foi longo", porque não encontraremos aquilo que tivesse podido ser longo, visto que já não existe desde o instante em que passou. Digamos antes: "aquele tempo presente foi longo", porque só enquanto foi presente é que foi longo. Ainda não tinha passado ao *não-ser*, e portanto existia uma coisa que podia ser longa. Mas, logo que passou, simultaneamente deixou de ser longo, porque deixou de existir⁴⁸.

A partir dessa concepção, Agostinho percebe a necessidade de analisar meticulosamente o que se pode entender sobre “o tempo presente”. O Autor examina esta questão e entende que somente se pode chamar tempo presente se for possível conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam; apenas a esta parte será possível denominar com precisão como tempo presente. Porém, ciente que esta parte sucede rapidamente entre o futuro e o passado, conclui sua especulação afirmando que não há possibilidade de ‘espaço’ no tempo presente⁴⁹.

De posse desta compreensão, Agostinho alega que de fato existam três tipos de tempos: o pretérito, o presente e o futuro. Mas visto que somente o presente possui uma natureza ontológica⁵⁰, forçosamente se vê diante de um novo olhar sobre a questão do tempo. Com isso, genialmente concebe uma nova terminologia para expressar a possibilidade de mentalmente definir com precisão o tempo presente; de forma a abranger o seu triplo movimento: “lembança|” presente das coisas passadas, “visão” presente das coisas presentes e “esperança|” presente das coisas futuras.

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra

⁴⁸ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xv, 18).

⁴⁹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xv, 20).

⁵⁰ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xvii, 22).

parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três⁵¹.

Diante deste fundamento sobre o tempo, o Hiponense passa ao problema seguinte: como é possível então medir-se o tempo? De forma enfática, diz que não é possível medir o que não existe; ou seja, somente o tempo presente é passível de ser medido. Mas visto que o tempo presente não possui espaço, toma como verdade que somente é possível medi-lo enquanto passa. Havendo passado, já não é possível medi-lo⁵². Por conseguinte, Agostinho passa a perceber o tempo como uma “certa distensão⁵³”. É interessante observar que o Hiponense não utiliza o termo “extensão”, tal qual fora utilizado por filósofos helênicos com o sentido de dimensão espacial. E esta distensão que ocorre na alma⁵⁴, permite-lhe aceitar como possível a capacidade da mesma em medir a sucessão que ocorra no tempo presente.

Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão *distensão*; (...) Seria para admirar que não fosse a da própria alma. Portanto, dizêi-me, eu Vo-lo suplico, meu Deus, que coisa meço eu, quando declaro *indeterminadamente*: "Este tempo é mais longo do que aquele", ou quando digo *determinadamente*: "Este é duplo daquele outro"? Sei perfeitamente que meço o tempo, mas não o futuro, porque ainda não existe. Também não avalio o presente, pois não tem *extensão*, nem o passado, que não existe. Que meço eu então? O tempo que presentemente decorre e não o que já passou? Assim o tinha dito eu⁵⁵.

O tempo para Agostinho realmente é um enigma. Isto é um fato. Ainda que existam problemas comuns e de fácil compreensão; certamente há

⁵¹ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xx, 26).

⁵² Inúmeras vezes no Livro décimo primeiro, Agostinho salienta que “não é mensurável o que já não existe!” (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxi, 27).

⁵³ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxiii, 29).

⁵⁴ Vejamos, portanto, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo. Foi-te concedida a prerrogativa de perceberes e medires a sua duração (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xv, 19).

⁵⁵ (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xxvi, 33).

aspectos misteriosos sobre a complexidade de sua existência e aplicabilidade⁵⁶. Porém, o Santo de Hipona, genialmente propõe um novo olhar sobre o tempo. Assim, embora o tempo tenha uma ligação intrínseca com o movimento, para o Hiponense é certo de que o tempo não está no movimento ou nas coisas em movimento, mas sim na alma. O emérito pesquisador italiano, Dr. Geovanni Reale⁵⁷, defende a tese⁵⁸ de que o tempo precisamente revela-se estruturalmente ligado a memória, a intuição e à espera. Entende que no pensamento de Agostinho, o tempo além de pertencer à alma, é predominantemente “uma extensão da alma”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

REY PUENTE, Fernando. **Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga**. São Paulo: Annablume, 2010.

REEGEN, Jan G.; DE BONI, Luis A.; COSTA Marcos Roberto N. **Tempo e eternidade na Idade Média**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi – 2º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**, Vol. II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

REALE, Geovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: patrística e escolástica**, v. 2. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

⁵⁶ (*Conf.*, XI, 22, 28)

⁵⁷ Giovanni Reale (1931 - 2014) foi um dos mais respeitados filósofos e historiador da filosofia. É uma importante referência sobre Platão para muitas escolas. Reale propôs uma nova interpretação de Platão, baseado nas chamadas Doutrinas não escritas.

Ensinou, por muitos anos, Filosofia Antiga na Universidade Católica de Milão.

⁵⁸ (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: patrística e escolástica*, vol. ii., p. 97).

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial e Paulus, 2007.